

## Os Dois Buxinhos

J. Roberto Whitaker *Penteado*

*...são brutos sombrios e consternadores imbecis. - Luciano Honegger (1921-2001)*

Lembrando que esta é uma coluna semanal, escrevo no dia seguinte ao do medíocre debate - anunciado pela nossa indústria do entretenimento como um embate pelo título mundial dos pesos pesados - e do qual você já deve ter esquecido, se é que chegou a lembrar de alguma coisa a não ser a sucessão monótona de platitudes desfiada pelos candidatos à presidência dos EUA. Obama e McCain são dois buxinhos - neologismo que acabei de criar para designar um pequeno bush.

Devo estar entre os poucos brasileiros que assistiram, ao vivo e em preto e branco, ao primeiro debate entre candidatos presidenciais (Kennedy-Nixon), no dia 26 de setembro de 1960 - pela simples razão de que eu estava em N. York nessa data. Como testemunha ocular, posso atestar que o confronto - hoje tratado como "histórico" - não foi nem um pouco menos medíocre que o da semana passada, assim como todos os outros que se seguiram e - infelizmente - seguirão.

Cedo descobri a razão para isso. Em 1960, fazia estágio no setor de pesquisa de mercado de uma multinacional, e lia grossos compêndios de estatística como quem consumia novelas de detetive. Foi quando descobri a curva de Gauss, também conhecida como "do sino" ou distribuição normal. Para quem já viu, ela parece, mesmo, um sino, ou um chapéu sem abas, e representa a tendência de todas as populações de se agruparem no meio, ou na média. Um exemplo simples seria o gráfico das estaturas de 100 pessoas, escolhidas ao acaso: à esquerda, haveria umas poucas observações dos realmente baixinhos, à direita os gigantes e a maioria se concentraria no meio.

A população dos eleitores americanos - como as de outros países - concentra-se, também, no meio e o sistema rigorosamente bipartidário de lá faz com que os candidatos, tanto o democrata como o republicano, tendam à neutralidade ideológica e à intolerável mediocridade em todos os outros aspectos.

Assim é que, quando criança, lembro-me do "cidadão" Truman - um idiota quase perfeito - e do general Eisenhower, que não conseguia dizer duas frases coerentes em seqüência. Kennedy foi mitificado pela tragédia de Dallas, mas sua curta gestão foi marcada por monumentais desastres em Cuba e na Indochina. E podem olhar a galeria - Johnson, Nixon, Ford, Carter, Reagan, Bush, Clinton (claro que ele é simpático, mas pode ser levado a sério?), bush II...

A conclusão é simples: a eleição do novo presidente americano vai continuar sendo matéria-prima para a indústria do entretenimento em que se transformou a mídia mundial, em busca de altos índices de leitura e de audiência. Mas o seu resultado em nada contribuirá para resolver a crise de liderança, de ética e de dignidade que o mundo está atravessando. O futuro reserva-nos mais das mesmas coisas...

Ah, e antes de que me esqueça: Luciano Honegger foi um bom amigo - italiano de Milão - que conheci em Genebra, também como expatriado, nos anos 60. Em bom francês, era assim que ele se referia aos políticos - de todas as nacionalidades.

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=45&ID=487>>. Acesso em: 23 jul. 2009.